

O papel dos intelectuais na redefinição dos papéis da mulher e da família: amor e literatura no século XIX**Helois Helena de Oliveira Santos*****Resumo**

Pretendo discutir a participação de intelectuais brasileiros na definição da vida íntima no século XIX, momento em que a sociedade brasileira atravessava profundas alterações, em especial após a declaração de Independência. Para tal, analiso três romances do período, *A Moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo, *Senhora* de José de Alencar e *Dom Casmurro* de Machado de Assis. Segundo Antonio Candido e Lilia Schwarcz, a literatura, após a Independência, teve papel fundamental na produção de uma cultura e memória nacionais. A análise dos romances indica que um esforço similar foi empreendido no que se refere à vida íntima. Os romances apontam novos modos de relação conjugal, uma relação fundamentada no amor mútuo entre o casal, onde a decisão sobre o casamento era tomada apenas pelo par envolvido. No entanto, as reflexões históricas e sociológicas sobre o período apontam em direção distinta, destacando que, mesmo mulheres e filhos possuindo uma maior liberdade, a decisão sobre os casamentos ainda cabia aos patriarcas no século XIX. Deste modo, é possível conceber que os intelectuais do período, autores de literatura de ficção, estavam inseridos num projeto maior de redefinição da família e das relações conjugais, mas que as mulheres permaneciam inseridas na lógica de dominação masculina.

Abstract

This article tries to understand the work of some Brazilian intellectuals in the definition of intimacy at the XIX century, moment that Brazilian society experienced a lot of changes, especially after its Independence. Three novels had been analyzed: *A Moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo, *Senhora* de José de Alencar e *Dom Casmurro* de Machado de Assis. According to Antonio Candido and Lilia Schwarcz, literature, after Independence, had had an important role at the production of culture and national memories. Novel's analyses points that a similar effort had been made in intimate life. Novels points out new patterns of conjugal relationships, a relation founded in mutual love, where marriage decisions are made only by the couple involved. However, historical and sociological authors shows different direction, affirming that, although woman and children had gained more freedom, the decision about marriage still part of patriarchal decisions. Thus, it's possible to conceives that intellectuals, literature authors, were inserted in a bigger project of redefinition of family and conjugal relationships, but woman remains inserts at an male domination logic.

Keywords: Love, Nineteen's Brazilian Society, Intimate Relationships, Literature, Brazilian Social Thought.

* Mestre em Sociologia com ênfase em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

São diversos os autores das Ciências Humanas que discutiram a noção de família na sociedade brasileira. Ainda que possuam perspectivas distintas sobre esta sociedade, concordam quando dizem que a família patriarcal extensa é a forma privilegiada de organização social no Brasil durante toda a colonização. Durante o século XIX, o Rio de Janeiro experimenta muitos investimentos públicos visando a modernização da capital do Império. Especialmente após a Independência, o Estado Brasileiro investia na afirmação de uma nova sociedade. Segundo Schwarcz (2007), desde a década de 40 do século XIX, D. Pedro II incentivou os artistas brasileiros, em especial os literatos, a desenvolver uma memória e cultura nacionais. O romance, esta forma privilegiadamente descritiva, teve, como ressalta também Candido (2006), papel predominante nesta missão nacionalista da literatura. A descrição dos costumes, das papéis de homens e mulheres em seus relacionamentos, especialmente na experiência de seu primeiro amor, eram temática central dos romances urbanos, como os que analiso neste artigo. Os modos de ser de protagonistas e personagens secundárias em seus relacionamentos amorosos também está relacionada com a forma que percebem o casamento e a família. Não deixa de causar curiosidade, este privilégio do amor como temática dos romances (Volobuef, 1999). É frequentemente ressaltada a importância do indianismo como propulsor da formação da memória no Brasil (Candido, 2006; Schwarcz, 2007; Volobuef, 1999). No que concerne à repetida temática do amor, a influência dos romances e folhetins estrangeiros aparece como importante justificativa para esta recorrência temática (Candido, 2006; Meyer, 1996). Outro fator que pode justificar esta frequência é a posição da mulher na sociedade, onde o casamento acaba por ser seu principal objetivo de vida (Candido, 2006; Pereira, 1944). Mas o amor era também um meio de os romancistas trazerem às narrativas a principal instituição brasileira, a família, ainda que apresentando tipos incomuns, como as mulheres superiores aos homens ou formas de vida distintas (Volobuef, 1999) e de questionarem a ordem social. Esta liberdade proporcionada pela forma romance, quando o tema é o amor, associada ao momento ambíguo que se vivenciava, parece ter possibilitado a criação de narrativas em que a estrutura conjugal era questionada.

Neste artigo, busco analisar as imagens da família por meio do trabalho de três importantes autores do século XIX: *A Moreninha* (1844) de Joaquim Manuel de Macedo, *Senhora* (1875) de José de Alencar e *Dom Casmurro* (1899) de Machado de Assis. Busquei compreender como estas três narrativas relacionaram a idéia de um amor baseado em escolhas individuais e a sociedade brasileira oitocentista, tradicionalmente familista. Assim como Niklas Luhmann (1991), compreendo que a literatura teve papel fundamental na fixação, codificação e disseminação entre os leitores dos comportamentos associados à vida íntima e

aos relacionamentos amorosos. A hipótese geral é que concomitantemente às alterações que se processavam na vida íntima da sociedade brasileira oitocentista, noções alternativas de relacionamentos conjugais estavam sendo ensaiadas nos romances brasileiros do século XIX. Estas concepções estão majoritariamente relacionadas à ascensão de modelos de relações afetivas centradas no amor, relações onde o sentimento passa a ser requisito para a efetivação do matrimônio, ao invés da decisão do patriarca. Ocorre, deste modo, um processo de reorientação dos valores nestes romances. Mas ainda que, neste período, muitas mudanças tenham se processado no campo dos afetos, acredito que as novas formulações apresentadas por esta literatura de ficção não conseguem, até aquele momento, resolver a relação tensa entre amor individualizado e a ainda principal instituição social da sociedade brasileira da época, a família extensa e, mais especificamente, com a autoridade e o poder do proprietário.

Nestas narrativas, os autores tratam em específico do nascimento e desenvolvimento do primeiro amor dos protagonistas. *A Moreninha* é considerado nosso primeiro romance, sendo que sua escolha se justifica especialmente porque este livro fornece algumas das principais convenções temáticas e formais do gênero para os romances seguintes. Alencar inicia o processo de refinamento da forma romance e também das personagens, que se tornam mais interiorizadas. *Senhora* também apresenta uma crítica melhor sistematizada à sociedade do período, valorizadora dos relacionamentos de conveniência ou arranjos. *Dom Casmurro*, por sua vez, está entre os principais romances de Machado de Assis e é nele que a tensão entre amor e família é tratada mais a fundo, pois acentuam-se os conflitos entre o amor e as ações das personagens.

Nos três romances são narradas histórias de amor de jovens casais. O amor, ainda que possa estar impregnado de pressões sociais, é o sentimento que orienta os pares nas suas relações íntimas e conjugais, e não a vontade masculina. Mas esta semelhança não impede que haja uma grande diferença entre as narrativas de Macedo e Alencar, por um lado, e a de Machado de Assis, por outro. O amor no romance *A Moreninha* é o amor da constância, o oposto do comportamento volúvel e galanteador, que tem por objetivo conquistar um noivo ou muitas namoradas. Este é o tipo de comportamento mais comum. Em oposição, há o amor constante dos protagonistas, um amor que pode enfrentar qualquer obstáculo, como a distância e o tempo. O problema da galanteria é porque ela remete às uniões sem amor, e à possível manutenção do comportamento volúvel dentro do casamento, a infidelidade. Daí ser relevante apontar como agem os amantes em suas relações e acusar as moças vaidosas, namoradeiras, casamenteiras e os rapazes libertinos. A preferência pelo amor puro, casto, constante demonstra que um padrão está sendo sugerido, um modelo que está intimamente

associado a uma moral religiosa de monogamia: a única moça que efetivamente casa na narrativa, a protagonista Carolina, não é uma jovem namoradeira, que apenas pensa em casar, seduzindo todos os homens, como fazem suas primas. Ela possui um amor de infância que nunca muda de objeto. A sugestão das relações fundamentadas no amor e a crítica aos comportamentos volúveis apontam para uma tensão entre os modelos que concomitantes, não deixam de ser concorrentes. Carolina é o exemplo de amor virtuoso, claramente ingênuo, sem preocupações casadoiras que “recupera” Augusto¹, contagiando-o com sua naturalidade e pureza, inserindo-o na família amorosa.

Em *Senhora*, o relacionamento que se estabelece também é por amor, e não por desejo do pai ou de qualquer outro membro que tivesse poder sobre a mulher. A concepção de amor dominante está de acordo com as noções representadas pela protagonista Aurélia, moça de origem simples e filha de pais cuja relação, embora infeliz, foi constante em seu amor e nele encontrava sua base. Longe da sociedade galanteadora, Aurélia desenvolve um amor particular, próprio às moças de “imaginação e sentimento” que não vivenciam a realidade dos galanteios fáceis, do amor de diversão e dos casamentos de conveniência. Fora deste contexto, pode experimentar sensações que nascem de seu interior e não são aprendidas na sociedade corrompida. É este amor da virtude, do íntimo, do ideal que quer se afirmar, em oposição à uma sociedade que vivencia relações íntimas que se orientam pela lógica patriarcalista: casamentos vantajosos e arranjados². A sociedade produz rapazes que querem corromper moças, homens e mulheres que anseiam ser os escolhidos pelos mais ricos e que privilegiariam um casamento lucrativo a um amor verdadeiro. Estas pessoas são insensíveis ao sentimento, não podem acessar seu interior, sua pureza está perdida, mas não permanentemente. Seixas, o exemplo de rapaz que foi educado pela moral turva da sociedade, que se casa em troca de um alto dote, que não acredita em amor, aos poucos se modifica e se torna um homem renovado pela influência de Aurélia. Mais uma vez, o papel da mulher como reformadora do homem é afirmado. É apenas após essa modificação que vemos configurar-se a possibilidade da felicidade conjugal: o verdadeiro amor só pode ocorrer quando os amantes são virtuosos. Até Seixas se modificar, eles não tem nenhum contato mais íntimo. Sugere-se um modelo de relação que deve basear-se no amor e se opor a qualquer manifestação de interesse financeiro, tipo de relação que a narrativa demonstra ser comum. Com todas as

¹ Augusto também é um amante constante, mas que, diante de seguidas decepções amorosas, se torna um libertino. No entanto, o amor de uma mulher pura aparece como o elemento de regeneração.

² Ainda que sem a participação direta do patriarca. Como ressalta Costa (1999), o século XIX, no Brasil, viu a mulher se tornar protagonista no estabelecimento de suas relações. Isto não significa, no entanto, que a escolha fosse livre.

diferenças para com a obra anterior, é indiscutível que a crítica à vida galante e às relações íntimas fundamentadas em questões que não o amor, como o dinheiro ou o casamento de conveniência, é mantida, e que um padrão de casamento e de família cuja base é o amor é sugerido. Ademais, o papel da mulher como regeneradora e construtora do lar é permanentemente afirmado, mas esta mulher não está submetida ao poder do patriarca, é inteligente, caridosa, educada para a vida em sociedade e decide sobre seu próprio destino³.

O que une estas narrativas é que ambas tratam de um amor autônomo e que, para tal, não discutem o papel da família. Este modo de abordar as relações íntimas possibilita questionamentos sobre as tensões entre relação amorosa e sociedade brasileira, sociedade que, ainda no século XIX, tinha na família sua principal organização social. Encontramos, nestes dois romances, uma quase total eliminação desta instituição e este elemento é central. Aurélia e Carolina são órfãs de pais e mãe. As famílias de Augusto e Fernando não são nada autoritárias. Consideramos que esta ausência da família é um recurso narrativo para possibilitar a ascensão livre do amor e a indicação de novos papéis para a mulher e da redefinição da família. Apresentando mulheres fortes e inteligentes, que conduzem suas vidas, as narrativas também sugerem relações fundamentadas no amor, que equilibram os sexos⁴ na relação e exaltam a família amorosa em detrimento da autoritária. É relevante ressaltar que a família vinha sofrendo transformações no século XIX, mas afirmar que ocorrem modificações na organização da sociedade brasileira não é o mesmo que dizer que as famílias perderam seu poder. O modo como se efetivam os casamentos nos romances *A Moreninha* e *Senhora* - apenas com a presença de obstáculos internos ao próprio relacionamento - revela uma imagem diferente das relações conjugais, pois o amor é o elemento mais importante para o casal e não os interesses do grupo familiar. Mas este perfil de relacionamento onde o amor é a base da relação só é possível nas narrativas com o afastamento de todos os impedimentos sociais, como a família e as hierarquias sociais. Os romances de Macedo e Alencar não apresentam qualquer tensão entre amor autônomo e família.

A fim de melhor compreender esta tensão entre romance, amor e família é necessário abordar o romance *Dom Casmurro*, pois é nesta narrativa que esta relação entre poder patriarcal e amor autônomo é melhor analisada. Podemos dizer que *Dom Casmurro*, em um primeiro momento, segue na mesma direção dos romances de Macedo e Alencar, pois é um

³ Carolina e Aurélia se destacam pela inteligência, força e independência, ainda que não existam menções à educação da primeira.

⁴ Não se deve entender esta equivalência entre os sexos como uma igualdade, no sentido moderno do termo. Mulher e homem permanecem possuindo papéis distintos, mas o desejo se torna mais difuso, pois a autoridade deixa de se concentrar estritamente no homem.

caso de primeiro amor, mas o romance acentua um tipo de amor que não se configura em torno dos ideais românticos. Mesmo quando narra a descoberta do amor entre os jovens, não parece configurar-se uma “escolha” amorosa, no sentido de decisão individual para “casar-se com”, pois o protagonista é “levado a amar” Capitu quando é “denunciado” pelo agregado. O amor não se afirma na narrativa. Fundamentando a relação dos jovens, o amor acaba se revelando como um instrumento de Dona Glória, mãe do protagonista e proprietária, para executar sua vontade de não deixar o filho no Seminário e, ao mesmo tempo, de se expiar da culpa de ter rompido com a promessa religiosa. Esta postura de Dona Glória é uma das chaves do enredo. O amor ocorre mais pelo desejo da proprietária que possui o poder de mando, do que em função dos anseios do casal. O amor é uma justificativa para que o poder familiar exerça, mesmo que indiretamente, sua vontade.

O papel da família em *Dom Casmurro*, em comparação com os outros romances, é diferente já que o arbítrio do proprietário é o principal obstáculo para os relacionamentos amorosos e é um impedimento que não é capaz de ser vencido pelo amor. *A Moreninha* e *Senhora* não tratam deste tema ou se esforçam para demonstrar que a família, como participante nas decisões sobre a vida íntima dos indivíduos, não deve estar presente, pois este tipo de comportamento é comum *no passado* e não na modernidade, neste Brasil que se construía após a Independência e que buscava se distanciar da tradição colonial. A redução do poder dos proprietários significou uma reorientação da vida íntima onde, como indica Costa (1999), a mulher e os filhos passam a ter fundamental importância para a família⁵. Neste processo, a parentela extensa é reduzida, a quantidade de parentes e agregados cai em número, a família diminui a extensão de seus laços e interioriza-se. No entanto, também passa por um processo de exteriorização, diminuindo a confinamento dos seus membros – em especial, das mulheres -, expandindo a rede de sociabilidade em teatros, recepções e outros eventos.

A personalidade das mulheres se torna importante para as relações do marido; esposas e filhas devem ser agradáveis e bem educadas para recepcionarem convidados e conseguir um marido bem posicionado⁶, o que altera não apenas o nível educacional das mesmas, mas também seu poder dentro do lar. Os filhos bacharéis também se tornam fundamentais para o estabelecimento das relações do pai na nova sociedade. Conseqüentemente, alterações nos modelos de afeto e casamento se processavam na sociedade de modo amplo. Costa (1999)

⁵ O autor ressalta ainda que esta alteração no perfil da família foi empreendida pela associação entre higienistas e o Estado e que os propósitos de mudança estavam centrados nas famílias de elite.

⁶ Até aquele momento, havia um número reduzido de famílias de elite e os casamentos eram arranjados entre os patriarcas de cada um delas. A personalidade da futura esposa não era relevante. Com a chegada da Corte e das mulheres européias, a concorrência aumenta e as mulheres brasileiras devem se destacar por diferentes atributos pessoais, não bastando, como anteriormente, a origem, a família (Costa, 1999).

demonstra como intervenções médico-higienistas propuseram novas formas de associação, onde se questionava, dentre outros, uniões entre pessoas de idades muito diferentes. A intervenção do Estado, por meio da medicina, condena antigos costumes, influenciando na formação dos indivíduos da nova família: o uso de amas-de-leite, a presença do escravo dentro do lar, a violência do pai são frequentemente acusados, alterando a forma como se constituíam os desejos e aspirações dos membros da família⁷, enquanto o amor entre os esposos e os filhos é, por sua vez, incentivado (Costa, 1999).

Há um esforço em delinear as esferas do público e do privado de uma maneira mais precisa. Como demonstra Freyre (2006b), a urbanização fez com que a noção de intimidade que era praticamente inexistente no Brasil tomasse novas proporções – a idéia de lar começa a ser desenvolvida (Muricy, 1988) – e a vida, a partir de então, passa a ser controlada em diversos aspectos. As ruas deixam de ser espaço para a dispensa de dejetos e controla-se a construção das residências. Por outro lado, antigos instrumentos de controle se tornam ineficazes. Um exemplo interessante é o referente às rótulas e gelosias⁸ que mantinham as moças distantes do exterior e evitavam que elas tivessem contato com rapazes. Aos poucos, estes elementos da arquitetura vão sendo substituídos por grades e vidraças que permitiam um maior diálogo com a rua.

Embora não queiramos afirmar que o romance é um espelho da sociedade, sabemos que toda obra de arte estabelece relações com a sociedade em que está inserida, ainda que seja fantasiosa ou surreal (Candido, 2004). É possível afirmar, no entanto, que estas alterações na vida da família e da mulher percebidas por estes acadêmicos citados aparecem nos romances analisados. O romance de Machado de Assis, contudo, difere das narrativas de Macedo e Alencar, pois enfatiza não apenas as dificuldades do amor ante a família, como revela que a atuação da mesma não é “mania antiga”, mas que, quando está presente, pode ser, e em geral é, extremamente forte, não deixando de mobilizar esforços quando anseia concretizar seus interesses.

Deste modo, busca-se afirmar que, embora a sociedade tenha vivenciado muitas mudanças, a família não perdera seu poder, daí o recurso ao desaparecimento da família nos romances de Macedo e Alencar. Este recurso evidencia uma tensão entre os romances e a sociedade brasileira. É possível imaginar que buscou-se, através da literatura, disseminar um

⁷ O crescente desprezo pela presença do escravo no lar é um importante impacto (Costa, 1999), especialmente quando se sabe que os cativos também tinham papel central na vida sexual dos meninos e meninas brasileiros (Freyre, 2006a).

⁸ Silva (1998) mostra a relação entre as gelosias, o ciúme e a autoridade do patriarca sobre as mulheres quando lembra a origem da palavra que vem do francês *jalousie*, ou seja, ciúmes.

ideal de conjugalidade onde o amor seria o fundamento da relação, de modo a estabelecer um novo padrão para a vida íntima. No entanto, não havia meios de associar este amor individualista romantizado com o modelo de família brasileiro. *A Moreninha* e *Senhora* afirmam o amor como fundamento das relações conjugais, pressupondo um indivíduo autônomo. Para que tal associação ocorra, todavia, recursos estéticos ambíguos são necessários, como a ausência da família, pois esta autonomia ainda não tinha se afirmado, até aquele momento, na sociedade brasileira do século XIX. O romance de Machado de Assis fornece informações que nos levam a acreditar na impossibilidade deste tipo de associação mais livre e igualitária na sociedade do século XIX: o fato de o romance não utilizar o afastamento da família como um recurso narrativo e de, diante desta circunstância, o amor sucumbir ao arbítrio patriarcal, ao ciúme, permite mostrar que existe uma incompatibilidade entre relações conjugais que se fundamentariam no amor e relações familiares na sociedade brasileira do período. É o distanciamento da família que permite que o amor se desenvolva nos dois primeiros romances e é a presença dela, em *Dom Casmurro*, que impede que o amor se mantenha. Todo o enredo de *Dom Casmurro* enfatiza os efeitos do sistema patriarcal na intimidade e na interioridade dos indivíduos, argumento que não foi trabalhado nas narrativas de Macedo e Alencar porque a família, e não apenas a patriarcal, não é uma personagem na história.

Como é possível perceber, os autores ensaiam um modelo de família que se diferenciaria da comum, onde os afetos e o poder do patriarca proprietário são inquestionáveis. Quando a narrativa dá à família seu poder característico, estas utopias são eliminadas. A codificação da vida íntima que se desenha nestes romances demonstra que o amor romantizado, que se basta a si mesmo como justifica para o estabelecimento das relações íntimas, é ensaiado nas narrativas e aparece como uma possibilidade para a semântica do período. No entanto, até aquele momento, este amor parece não responder às demandas do sistema patriarcal que, na sociedade brasileira, exige que seu poder seja respeitado. Deste modo, a codificação da vida íntima que se estabelece no século XIX, representada nos romances analisados, não é a do amor autônomo, liberto dos laços sociais, fundamentado apenas no desejo dos indivíduos, mas a do amor balizado, que se desenvolve pressionado, intermediado e limitado pelo interesse do proprietário, deste chefe que se utiliza dos meios necessários, sejam eles claramente autoritários ou não, para fazer sua vontade ser obedecida e realizada.

Referência Bibliográficas

- ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: Ática, 1995;
- CANDIDO, Antonio. “Dialética da Malandragem”. In: *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004;
- _____. *Formação da Literatura brasileira: momentos Decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006;
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999;
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Global, 2006a;
- _____. *Sobrados & Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: Global, 2006b;
- LUHMANN, Niklas. *O amor como paixão: para a codificação da intimidade*. Lisboa: DIFEL/ Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1991;
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Moreninha*. Rio de Janeiro: Ática, 2003;
- MACHADO DE ASSIS, J. M.. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 2000;
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996;
- MURICY, Kátia. *A Razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988;
- PEREIRA, Astrojildo. *Interpretações*. Rio de Janeiro: Edição da livraria-editora Casa do Estudante Brasileiro, 1944;
- SCHWARCZ, Lilia M. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007;
- SILVA, Terezinha V. Z. “Mulheres, cultura e Literatura Brasileira”. In: *Ipotesi – revista de estudos literários* – Volume 2, nº2, Jul-Dez, 1998;
- VOLOBUEF, Karin. *Frestas e Arestas: a prosa de ficção do romantismo na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999;